

Os jesuítas e a participação dos auxiliares Japoneses na missão nipônica (1549-1614)

Jorge Henrique Cardoso Leão

Professor de História da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e mestre em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, bolsista pela FAPERJ)

Resumo

Liderados por Francisco Xavier, os primeiros jesuítas chegaram ao Japão no ano de 1549 com o objetivo de alargar as fronteiras do catolicismo. Assim que pisaram no arquipélago, os padres se depararam com algumas dificuldades, principalmente relacionadas a questão do idioma e da interpretação dos signos culturais e religiosos do povo nipônico. Como forma de superar algumas dessas barreiras culturais e de estreitar relações com os japoneses, os jesuítas investiram na criação de um corpo de auxiliares cristãos conhecidos como *dojukus*. Deste modo, o presente artigo tem por objetivo analisar a participação desses colaboradores no cotidiano da missão japonesa entre 1549 e 1614. Além da historiografia referente ao tema, a análise conta com fontes impressas de natureza europeia, sobretudo, as cartas e as obras elaboradas pelos padres que participaram ativamente da missão.

Palavras-chave jesuítas no Japão, missionários na Ásia, história do Japão.

Abstract

Led by Francisco Xavier, the first Jesuits arrived in Japan in the year of 1549 in order to expand the boundaries of the Catholic Church. When they arrived in Japan, the priests found some difficulties, especially related to the language and interpretation of cultural and religious signs of the Japanese people. In order to overcome these cultural problems and to narrow relations with the Japanese, the Jesuits created a group of baptized auxiliary called *dojukus*. This article aims to analyze the participation of those assistants in daily Japanese mission between 1549 and 1614. To take account of the subject, the analysis is based on a European specialized historiography and primary sources, mainly the letters and texts written by priests who participated of the Japanese mission.

Keyword jesuits in Japan, missionaries in Asia, history of Japan.

Se atualmente os múltiplos reflexos causados pela globalização tem demandado grande tempo de análise das ciências sociais a fim de compreender a questão global da cultura e da identidade contemporânea, como lembrou Serge Gruzinski¹, não podemos esquecer que a gênese desse fenômeno encontra-se no século XVI com a Expansão Ultramarina Europeia. Liderados pelos portugueses, a civilização cristã disseminou os seus valores e acabou absorvendo outros dos povos espalhados pela América, África e Ásia.

Para os portugueses, o contato com essas civilizações complexas obrigou-os a desenvolver estratégias e mecanismos de adaptação. Entre eles, os jesuítas. Aprovada em 1540 pelo Papa Paulo III, a Companhia de Jesus foi utilizada como instrumento da Igreja Católica na divulgação do Evangelho nos quatro cantos do mundo. Na Ásia, o caso específico do Japão pode ser considerado um dos melhores exemplos para se perceber os esforços desses missionários, que será o objeto de análise do presente artigo.

Após a conquista de Goa em 1510, creditada ao fidalgo português Afonso de Albuquerque, os portugueses fixaram suas estruturas – política, militar e religiosa – no continente asiático. O nome Estado da Índia foi escolhido para identificar os territórios de presença portuguesa compreendidos entre a costa oriental africana, o subcontinente indiano, o Extremo Oriente e partes da Oceania. Como lembrou a historiadora Catarina Madeira Santos², o epicentro deste império conectado por vias marítimas era a ilha de Goa, na Índia.

Navegantes experientes, os portugueses logo se apropriaram das rotas marítimas asiáticas e deram ao local uma nova dinâmica, aumentando a circulação de indivíduos e mercadorias. Auxiliados por mercenários autóctones, os mercadores lusitanos passaram a explorar mais as regiões do Extremo Oriente. Neste cenário fluido os lusitanos aportaram no Japão em 1543, no porto de Kagoshima, em Kyushu. Seguindo os passos dos comerciantes, liderados por Francisco Xavier, os jesuítas chegaram à mesma região em agosto de 1549.³ Nos primeiros anos desde a chegada dos *nanban-jins*, apelido dado aos portugueses no Japão, a realidade política e cultural nipônica ainda não havia sido revelada. As primeiras impressões que os padres tiveram do povo japonês foram animadoras. O próprio Francisco Xavier teceu adjetivos àquela gente, chamando-os de educados, limpos e honrados, e, por isso, mereciam uma atenção especial em comparação aos outros povos ultramarinos.

Embora as expectativas dos padres fossem animadoras, a realidade do país não era das melhores, pois o Japão encontrava-se mergulhado numa guerra civil que já durava quase

1 GRUZINSKI, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories”. *Topoi: Revista de História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, mar. 2001.

2 SANTOS, Catarina Madeira. *Goa é a Chave de toda a Índia: perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570)*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

3 COSTA, João Paulo de Oliveira. *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*. Lisboa: Instituto Cultural de Macau & Instituto de História de Além-Mar, 1995.

oitenta anos desde a chegada dos missionários. O conflito se iniciou com o enfraquecimento político da corte imperial japonesa e com a ascensão do governo militar (*bakufu*) do clã Ashikaga. Apesar de ter submetido o império aos seus interesses, a administração deficiente do clã tendeu para a descentralização, dando força para a ascensão da aristocracia guerreira.⁴ Com o tempo, esses aristocratas, conhecidos como *daimios*, passaram a acumular terra, poder e a constituir exércitos privados. A partir da década de 1540 as disputas entre os daimyôs se intensificaram e o caos e a insegurança se espalharam pelas principais cidades de Honshu (ilha principal do Japão) e de Kyushu (ilha mais ao sul).

Além da guerra civil, os jesuítas se depararam com vários obstáculos, tais como: a complexidade do idioma, o grande número de seitas religiosas xintoístas e budistas e alguns hábitos do cotidiano japonês. Apesar das diferenças, inicialmente o modelo de conversão adotado no Japão foi fruto das práticas xavierianas aplicadas na Índia e nas Molucas. Jesuíta erudito e bom observador, Xavier soube lidar parcialmente com as diferenças culturais das civilizações por onde passou. Por mais que o sentido da conversão tendesse ao etnocentrismo, o missionário apostou no método da acomodação e no uso de analogias culturais como meios de se aproximar da realidade japonesa.⁵

Para driblar as dificuldades com o idioma, Francisco Xavier, Cosme de Torres e João Fernandes utilizaram os serviços de um intérprete japonês batizado em Goa, chamado Anjirô – Paulo de Santa Fé. Assim, foram recebidos pelo *daimio* da província de Satsuma, do clã Shimazu. Utilizando a experiência da história de vida de Anjirô e a apresentação de algumas relíquias cristãs, Xavier tentou converter Shimazu Takahisa. Entretanto, sabemos que assim como posteriormente outros *daimios* se interessaram, Takahisa percebeu que a aliança com os missionários poderia lhe garantir uma proximidade com os mercadores portugueses e, por isso, deu autorização para evangelizarem em sua província.⁶ De acordo com as expectativas de Francisco Xavier, o interesse do *daimio* em ajudar os jesuítas estimulou a pensar na possibilidade de se aplicar no Japão a estratégia de conversão de cúpula,⁷ tal qual fizera nas Molucas. Ou seja, tendo percebido certa relação de vassalagem ou de clientelismo entre as hierarquias japonesas, os jesuítas tentaram estimular uma reação em cadeia no restante da população a partir da conversão de suas elites.⁸

4 MEYER, Milton W. *Japan: a concise history*. New York: Rowman & Littlefield Publishers Inc., 1992.

5 SOUZA, Ivo Carneiro de. *São Francisco Xavier no sudeste asiático*. Revista de Cultura. Macau: Instituto Cultural do Governo de Macau da R.A.E. de Macau, 2006. n.19.

6 LÓPEZ-GAY, Jesús. “Saint Francis Xavier and The Shimazu Family. Bulletin of Portugueses”. In: *Japanese Studies*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2003. v.6, p.93-106.

7 ALVES, Jorge Manuel dos Santos. *Portugal e a Missionação no Século XVI: o Oriente e o Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1997.

8 JANSEN, Marius B. *The Making of Modern Japan*. Massachusetts: Harvard University Press, 2002, p.8-11.

Com intuito de chegar à capital do Japão, Francisco Xavier recorreu a Shimazu Takahisa para financiar sua viagem até o Miyako, atual Kyoto, com o objetivo de converter o imperador do Japão. Por causa do receio de perder a exclusividade comercial com os portugueses pela partida dos padres dos seus domínios, Takahisa rompeu relações com os jesuítas em 1550,⁹ 1998). Quando seguiam em direção à capital, os padres fundaram a ilha de Hirado, em Hizen, e foram recebidos pelo *daimio* Omura Sumitada. Cosme de Torres, então, afirmou que a conversão do aristocrata seria imprescindível para a sobrevivência das missões em Kyushu. Apesar dos padres terem tido o apoio de Sumitada, nas ruas, a realidade era diferente. Cosme de Torres dizia que os bonzos ou sacerdotes das seitas budistas japonesas “aborreciam em grandíssima maneira nossa santa fé”, e, por isso, reprovavam a atitude do *daimio*. A polêmica entre os missionários e os bonzos ganhou tanta repercussão no meio jesuítico que, em 1552, de Cochim, Xavier alertou os padres que almejavam ir para o Japão que fossem cautelosos ao se aproximarem desses sacerdotes. Em direção a capital, Xavier deixou Hizen e chegou a Yamaguchi, em Suô, em novembro de 1550. O jesuíta levou consigo algumas imagens religiosas e catecismos em japonês produzidos pelos primeiros intérpretes e auxiliares autóctones.¹⁰ Na região o missionário conseguiu atrair a atenção dos Ouchi e recebeu autorização para pregar nas ruas.

Após deixar Yamaguchi, Francisco Xavier chegou finalmente a capital do Japão em janeiro de 1551. Contudo, a tão almejada recepção do imperador foi frustrada graças à intervenção do *Seitai shogun*, Ashikaga Yoshiteru. Sem sucesso, o missionário deixou o Miyako e retornou a Yamaguchi. No momento em que Francisco Xavier encontrava-se em Honshu, Ouchi Yoshitaka acumulou uma série de derrotas nas guerras e tirou sua própria vida no ritual de suicídio conhecido como *seppuku*. Os jesuítas chegaram a questionar a atitude gentílica cometida pelo *daimio*, porém, tinham a noção de que não poderiam agir de forma ortodoxa com sua família, uma vez que a província ocupava uma importante posição estratégica para as missões cristãs.

Novamente em Kyushu, Francisco Xavier aportou na cidade de Funai, na província de Bungo. Foi através do incentivo da experiência cristã em Suô que o jesuíta conseguiu se aproximar de Otomo Yoshishige – Otomo Sorin. Assim como o senhor de Hizen, Otomo Yoshishige tirou proveito rapidamente do comércio *nanban*, referindo-se aos europeus ocidentais, realizado por intermédio dos missionários. Apesar do esforço feito pelo *daimio*

9 COSTA, João Paulo de Oliveira. Japão. In: MARQUES, Antônio Henrique de Oliveira (Org.). *História dos portugueses no extremo oriente: de Macau à periferia*. Macau: Fundação Oriente, 1998. v.1 t.2.

10 LABORINHO, Ana Paula. “A questão da língua na estratégia da evangelização: as missões no Japão”. In: CARNEIRO, Roberto & MATOS, A. Teodoro de. (Orgs.). *O século cristão do Japão: actas do colóquio comemorativo dos 450 anos de amizade Portugal-Japão 1543-1993*. Lisboa: Barboza e Xavier Ltda, 1994.

para proteger os jesuítas, a guerra civil ameaçava constantemente a presença dos padres na província.

No pouco tempo em que esteve no Japão, Francisco Xavier percebeu um pouco da realidade política e cultural do país e chegou a traçar as principais estratégias de evangelização utilizadas pelos padres mesmo após sua morte em 1552.¹¹ O jesuíta se manteve sensível à questão da língua e da escrita ideográfica; insistiu na formação dos catequistas, dos intérpretes e dos auxiliares japoneses;¹² buscou através do convencimento e das analogias penetrar com o cristianismo no mundo de significados das religiões japonesas; e incentivou as diversas práticas de caridade como forma de atrair a população que vivia em condições insalubres para a época. Na tentativa de interpretação do *ethos*¹³ religioso e cultural japonês, Francisco Xavier ensinou os padres a utilizarem os conhecimentos dos seus auxiliares para aprender a fundo o idioma, para coletar informações mais precisas acerca da espiritualidade autóctone e de como se comportar entre os gentios, absorvendo os principais hábitos do dia-a-dia dos bonzos e dos *daimios*.

Com o objetivo de colocar os missionários em sintonia com a população japonesa, o padre Francisco Xavier foi o pioneiro na idealização de um corpo de cristãos autóctones aptos a assumirem as funções de auxiliares, de intérpretes e de tradutores. O entusiasmo com os primeiros contatos contribuíram para que esta estratégia de evangelização fosse posta em prática ainda nos primeiros anos. Havia três categorias de auxiliares japoneses. No entanto, o presente texto dará atenção apenas aos *dojukus*, ou seja, os cristãos japoneses batizados que serviam de intérpretes, de auxiliares e de pregadores na ausência de algum religioso europeu.

A definição do termo pode ser considerada uma questão confusa, principalmente no período anterior à presença do visitador Alessandro Valignano, a partir da década de 1590. As informações sobre esses auxiliares aparecem de maneira desconexa e esporádica nas fontes europeias. Esse fato impossibilita a construção de um quadro prosopográfico desses indivíduos. Nos manuscritos jesuíticos entre 1549 e 1603, esses auxiliares podem aparecer com as nomenclaturas de moços, raspados, japonês ou até mesmo de irmãos. Entretanto, pode-se distinguir a categoria de cada um deles pelas referências as suas respectivas funções no processo de evangelização. Autores como Juan Ruiz-de-Medina¹⁴, Ikuo Higashibaba¹⁵ e Peter

11 ALVES, Jorge Manuel dos Santos. *Portugal e a missão no século XVI: o Oriente e o Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1997.

12 BOXER, Charles Ralph. *A igreja militante e a Expansão Ibérica 1440-1770*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 36.

13 GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

14 In: O'NEILL, C. E.; DOMINGUEZ, J. M. (Org.). *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús*. Madrid: Universidad Pontificia de Comillas, 2001. v.2.

15 HIGASHIBABA, Ikuo. *Christianity in Early Modern Japan: Kirishitan Belief and Practice*. Leiden: Brill,

Nosco¹⁶ usaram praticamente os mesmos critérios para definir as categorias do clero cristão japonês. Antes da chegada dos jesuítas, os *dojukus* faziam parte da hierarquia eclesiástica dos bonzos. Observando a dinâmica desse grupo entre os budistas e os xintoístas, os jesuítas teriam se apropriado desse termo para criar o seu próprio corpo de auxiliares japoneses cristãos. Não havia uma regra que exigisse dessas pessoas o comprometimento com a vida religiosa, mas pelo fato de estarem muito próximos dos padres, deveriam se comportar como tal.¹⁷ Como critério de recrutamento, os auxiliares deveriam ser homens, frequentar a catequese, serem batizados e que soubessem ler e escrever no alfabeto vulgar do Japão, o *hiragana*.

Após a morte de Francisco Xavier, o padre espanhol Cosme de Torres foi nomeado como superior das missões do Japão, permanecendo no cargo até 1570. O jesuíta deu continuidade ao trabalho missionário baseado nos métodos tecidos por Xavier. Diplomáticamente, conseguiu estreitar as relações com a corte do *daimio* de Bungo, onde fundou um dos principais núcleos cristãos do país. Quando esteve na cidade de Funai o padre recebeu a visita do *daimio* Otomo Yoshishige, que lhe concedeu autorização para evangelizar nas suas terras.

Durante a supervisão de Cosme de Torres os jesuítas conseguiram compreender melhor a realidade japonesa. Além da utilização dos auxiliares japoneses cristãos chamados de *dojukus* e das conversões de cúpula, pode-se dizer que os missionários diversificaram seus métodos de atuação. Depois de Xavier, os jesuítas se empenharam ainda mais na compreensão do idioma e da escrita. Em geral, auxiliados pelos *dojukus*, tornaram-se aptos a celebrar missas e a escrever catecismos em japonês. Em casos mais complexos, como na leitura dos pergaminhos ou na decodificação de algum ritual religioso autóctone, os *dojukus* desempenhavam um papel importantíssimo. Esses auxiliares recebiam uma rápida instrução dos jesuítas e, na ausência dos padres, chegavam a ministrar as aulas de catequese.¹⁸ Apesar da importância dos auxiliares, vale lembrar que os missionários estiveram atentos para os possíveis erros que estes indivíduos poderiam cometer pela falta de compreensão aprofundada tanto do cristianismo quanto das religiões japonesas, e, por isso, deveriam ser vigiados e instruídos. Além dos *dojukus*, os missionários insistiram na ideia da conversão de jovens sacerdotes japoneses, os bonzos, com o objetivo decodificar o código doutrinário de suas

2001.

16 In: TURNBULL, Stephen R. (Org). *Japan's Hidden Christians, 1549-1999*. New York: Routledge, 2000. v. 1.

17 MORAN, Joseph Francis. *The Japanese and the Jesuits: Alessandro Valignano in Sixteenth-Century Japan*. New York: Routledge, 1993.

18 HIGASHIBABA, Ikuo. *Op. cit.*

seitas.¹⁹ Apesar das tentativas de aproximação dos bonzos, mediados pelos *dojukus*, os conflitos foram inevitáveis. Com o tempo, esta atitude de risco despertou entre os religiosos autóctones mais experientes a percepção de que os padres almejavam desestruturar as religiões do país introduzindo o cristianismo. Em 1558, Belchior Nunes Barreto apontou que “o maior contraste que há no Japão contra a pregação do Evangelho são os bonzos, mais que os demônios”. Esses conflitos atingiram tamanha proporção que se intensificaram após a morte de Oda Nobunaga e se estenderam com assiduidade até o período do Xogunato (ou *bakufu*) Tokugawa.

As dificuldades enfrentadas pelos jesuítas no Japão não se restringiram a questão da língua e da agressividade dos bonzos. Em várias correspondências foram atestadas preocupações com a falta de recursos materiais para manter o funcionamento das igrejas, dos seminários e das obras de caridade; o pouco contingente de religiosos europeus que queriam se aventurar por aquelas partes;²⁰ a resistência da população gentia em se entregar a conversão; o retorno ao paganismo dos japoneses conversos; e a desconfiança de alguns *daimios* em relação aos jesuítas e aos mercadores portugueses.

Apesar das dificuldades apontadas, o historiador português João Paulo de Oliveira e Costa²¹ ressaltou que no imaginário jesuítico esta situação era de certo ponto instigante para os padres. Isso porque quanto mais obstáculos eles encontravam nas áreas de missão, mais acreditavam que deveriam superar suas provações a serviço de Deus e do alargamento do cristianismo.

Entre as décadas de 1560 e 1570, os jesuítas diversificaram ainda mais suas estratégias de evangelização.²² Gonçalo Fernandes, por exemplo, exigiu que os *dojukus* fossem às ruas na intenção de atrair um número expressivo de crianças para as igrejas para se tornarem cristãs e estimular a conversão de suas respectivas famílias. Nas palavras de Luís de Almeida, os padres acabavam por “derramar muitas lágrimas em ver tanta ordem e devoção em crianças, que ontem estavam oferecidas ao demônio”. Em alguns casos, os jovens também eram instigados a fazer denúncias dos seus familiares cristãos que, por um motivo ou outro, voltassem a praticar gentildade.

Devido à preocupação com a transmissão do Evangelho, além dos catecismos em língua japonesa e das imagens cristãs, os missionários usaram o teatro como meio de atrair os

19 BARROS, Cândida; MARUYAMA, Toru. “O perfil dos intérpretes da Companhia de Jesus no Japão e no Brasil no século XVI”. *Revista Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Uberlândia: Faculdade Federal de Uberlândia, v. 4, a. 4, n. 4, 2007.

20 “Os Jesuítas no Japão 1549-1598: uma análise estatística”. In: COSTA, João Paulo de Oliveira, 1999b.

21 *Op. cit.*, p. 381.

22 COSTA, João Paulo de Oliveira. *Portugal e o Japão: o século nanban*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993.

gentios. Aberto deliberadamente a todos os públicos, as peças abordavam vários temas comuns ao cristianismo, como o Natal, a Paixão de Cristo e a Páscoa. Outras histórias, por exemplo, como a de Adão e Eva, tentavam transmitir aos japoneses a ideia do pecado e das tentações mundanas. Esta parábola cristã em particular tinha uma forte conotação para os fins missionários. Através dela os jesuítas faziam uma analogia do risco que os japoneses convertidos estariam correndo ao retornar para sua antiga religião e seu modo de vida pagão, com as tentações mundanas praticadas por Adão e Eva a partir da curiosidade que tiveram pelo fruto proibido, ou seja, o pecado. Em geral, os espetáculos eram acompanhados por corais onde se faziam a leitura de textos cristãos recitados em japonês por um dojuku. A preocupação com a originalidade das peças demonstrou que os próprios jesuítas estimulavam a participação dos japoneses convertidos na confecção dos espetáculos.

Por volta dos anos 1560, os missionários haviam constituído seus principais núcleos de evangelização no arquipélago de Kyushu. No entanto, também conseguiram avançar sobre a região de Honshu e se instalaram na capital, Miyako. Em Kyushu, por volta de 1563, os padres conseguiram converter o influente *daimio* de Hizen, Omura Sumitada, conhecido pelo nome de D. Bartolomeu, que manteve sua província como centro logístico das expedições religiosas em direção ao centro do Japão. No tempo em que esteve no poder, Sumitada defendeu a causa cristã mandando queimar e destruir os templos e os santuários autóctones, além de autorizar a perseguição das pessoas que se negassem ao batismo.

Com mais capacidade de circulação no centro do país, os jesuítas observaram a situação de extrema pobreza em que se encontrava a população japonesa, associada à calamidade gerada pelo Sengoku-jidai, que se refere ao Período de Estados Beligerantes, durando de 1467 a 1573, quando o Japão estava em guerra constante. A falta de hospitais e a carência de tratamentos para algumas doenças de menor complexidade foram inicialmente percebidas pelos padres Francisco Xavier e Belchior Nunes Barreto. Foi então que a partir de 1555, com a chegada do médico jesuíta Luís de Almeida, que os inacianos valorizaram o uso da medicina como um atrativo para a conversão.²³ Para os japoneses, algumas enfermidades eram vistas como maldições dos Deuses aos indivíduos.²⁴ No Japão, quase todas as pessoas saudáveis tratavam seus doentes com descaso. Sabendo disso, Luís de Almeida teve a dura tarefa de recolher esmolas, até mesmo entre os conversos, para construir e manter os hospitais.

A obra mais famosa do jesuíta foi a fundação do hospital de Funai, em Bungo, considerado o maior do país naquela ocasião. Lá o padre treinava os *dojukus* no exercício da

23 SALGADO, Anastácia Mestrinho. “Luís de Almeida, Médico e Missionário no Japão”. In: *Congresso Internacional de História: missionação portuguesa e encontro de cultura (Igreja, Sociedade e Missionação)*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1993. v.3

24 YUSA, Michiki. *Religiões do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2002.

enfermagem para ajudá-los com os enfermos.²⁵ A maioria dos medicamentos era importada da Índia e China. Os hospitais serviam ainda de postos de distribuição de mantimentos e até de abrigo para os moradores de rua na época do inverno rigoroso. Sendo a maioria das religiões e das seitas do Japão pautadas em princípios individualistas,²⁶ outra religião que difundisse a ideia da solidariedade entre os enfermos e os carentes atraía cada vez mais centenas de japoneses necessitados.

No ano de 1563, outro importante missionário teria chegado ao país, seu nome era Luís Fróis (ALVES, 1997, p.27-38). A primeira área de atuação do religioso lisboeta foi a província de Hizen, com destaque para Yokoseura. Nos anos que sucederam os conflitos gerados pelo período de guerra no Japão, conhecido como Sengoku jidai, Fróis entusiasmou-se com o interesse dos Omura e dos Arima em favorecer o cristianismo no Japão. Tendo estado sempre atento aos comportamentos dos japoneses, o padre comentou que alguns samurais ou guerreiros convertidos chegaram a utilizar adornos cristãos durante as batalhas,²⁷ dando a falsa impressão de que eles haviam embarcado numa espécie de guerra santa a favor do Evangelho.

Depois de Hizen, Luís Fróis partiu para o Miyako no final de 1564. Durante a temporada que permaneceu na capital e nas regiões adjacentes, obteve sucesso significativo para a Companhia de Jesus. Porém, as perseguições dos bonzos e dos *daimios* gentios não cessaram. Fróis conseguiu se aproximar dos altos funcionários do *Seittai shogun*, ou simplesmente xogum, e de alguns dos seus samurais mais influentes. Após ter tido contato com a família do Generalíssimo, finalmente o padre foi recebido por Ashikaga Yoshiteru. Pouco tempo depois, em 1565, o xogum foi assassinado e, por medida de segurança, os missionários foram convidados a deixar a capital. Assim Luís Fróis e os demais jesuítas puderam dar novamente atenção às suas antigas freguesias cristãs no país.

Novamente em Kyushu, de 1567 a 1569, Fróis se dedicou à escrita e ao conhecimento dos eventos cotidianos do povo japonês, como as festas religiosas e a variedade dos cultos. O jesuíta frequentou templos, assistiu aos rituais praticados nos santuários, descreveu as formas de devoção, as divindades, participou de festas populares e sempre que possível frequentava as casas de alguns japoneses convertidos com o objetivo de absorver os costumes locais para depois ensiná-los aos outros padres e aos *dojukus*. Luís Fróis foi o missionário que mais produziu manuscritos sobre o dia-a-dia das missões no Japão. Além do uso das letras como caminho para a conversão, o jesuíta percebeu que a cultura popular japonesa era marcada por um grande número de festas. Assim, sempre que possuía algum tipo de recurso financeiro e

25 FRÓIS, Luís. *Historia de Japam*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 84.v. 2, p.122-131, 1976.

26 YUSA, Michiki. *Op. cit.*

27 FRÓIS, Luís. *Op. cit.*, p.132.

material, o padre transformava uma procissão do calendário cristão em um grande espetáculo como meio de atrair a curiosidade dos gentios.²⁸ Fróis também tentou mapear as festas do calendário religioso japonês com o objetivo de controlar a participação dos convertidos. Em alguns casos, como o Oshôgatsu, o ano novo xintoísta, o padre se mostrou impotente ao tentar proibir a participação dos japoneses cristãos, por considerar o evento demasiadamente popular.²⁹

Durante os anos que Luís Fróis esteve em Hizen, o *daimio* Oda Nobunaga conquistou a capital do Japão e boa parte das províncias de Honshu. Animados com a nova situação, os jesuítas voltaram a frequentar o centro do país e o próprio Luís Fróis se tornou amigo de Nobunaga. O padre residiu em um dos seus principais castelos, localizado na cidade de Gifu. Gozando de certa comodidade, Fróis finalizou boa parte dos seus livros nesta residência. Já nas ruas da capital os missionários tiveram liberdade para divulgar o Evangelho e instigaram a hostilidade da população de conversos contra os bonzos e os gentios. Por conta da proteção que Nobunaga oferecia aos jesuítas, estes por sua vez trataram de trazer para o arquipélago de Honshu boa parte dos mercadores portugueses. Além de grande admirador dos artigos importados, Oda Nobunaga introduziu as armas de fogo nos seus exércitos.³⁰

De 1569 a 1582, as missões jesuítas prosperaram, sobretudo, em Nagasaki. De acordo com os historiadores João Paulo de Oliveira e Costa e Teresa Lacerda³¹, além de Goa e de outras cidades ultramarinas, a experiência quinhentista lusitana na cidade de Nagasaki pode ser vista como um dos melhores exemplos da interculturalidade gerada a partir da dinâmica entre o comércio e missionação no Oriente. Situada em um ponto extremo do arquipélago de Kyushu, num dos locais mais próximos do continente, que Nagasaki chamou a atenção dos estrangeiros pela sua posição estratégica. Entretanto, a cidade passou para a tutela portuguesa somente em meados de 1570, através de uma concessão feita pelo *daimio* cristão D. Bartolomeu, convertido pelo padre Luís Fróis. Em pouco tempo, a presença estrangeira através dos mercadores e dos missionários transformou sua paisagem humana. Nagasaki se tornou ao mesmo tempo símbolo do comércio *nanban*, em referência aos europeus, e modelo de cidade cristã na Terra do Sol Nascente. Chegavam e saíam corriqueiramente as grandes naus provenientes de Macau, da Índia e das Molucas, assim como os padres circulavam livremente pelas ruas da cidade divulgando o Evangelho e tocando a frente suas obras de

28 FRÓIS, Luís. *Op. cit.*, p.84.

29 YUSA, Michiki. *Op. cit.*

30 MASON, R. H. P. e CAIGER, J. G. *A History of Japan*. Tokyo: Tuttle Publishing, 1972, p.176.

31 COSTA, João Paulo de Oliveira; LACERDA, Teresa. *A interculturalidade na Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Paulinas Editora, 2007, p.52.

caridade³². O número de pessoas atraídas pela prosperidade do porto fez a quantidade de habitantes praticamente duplicar. Havia também um número relativo de igrejas e os jesuítas chegaram a construir uma Santa Casa da Misericórdia, em 1583.³³ A presença portuguesa na região foi tão marcante que algumas construções tiveram uma notável influência dos estilos arquitetônicos europeus. No caso do idioma falado nas ruas, o processo de mestiçagem cultural deu origem a um tipo de pidgin que mesclava traços da língua portuguesa e da japonesa.³⁴

Durante o período em que Oda Nobunaga esteve no poder, Nagasaki prosperou. O *daimio* favoreceu a entrada dos produtos importados no país despertando o interesse e a curiosidade dos outros aristocratas³⁵ Em muitos casos, alguns *daimios* requisitaram o serviço dos missionários como transportadores dessas mercadorias e dispensaram o contato direto com os comerciantes portugueses.³⁶

Nascido em 1539, na atual cidade italiana de Nápoles, Alessandro Valignano entrou para a Companhia de Jesus em 1566. Mas foi na Ásia portuguesa que o jesuíta trilhou uma carreira longa e brilhante. O padre chegou ao Oriente em 1573 com a atribuição de visitador daquelas partes. Antes do Japão, Valignano esteve na Índia e chegou a Macau em 1578. Com experiência, difundiu o modelo de conversão baseado nas estratégias de acomodação. Para Valignano, antes de qualquer coisa todo jesuíta deveria aprender a lidar com a realidade da civilização do qual ele pretendesse converter. Na visão do religioso, este método de conversão ajudaria os jesuítas a enxergar através dos erros das religiões e das seitas autóctones a melhor maneira de difundir a religião cristã.³⁷

Depois de Macau foi à vez do Japão. Alessandro Valignano chegou ao país em 1579 e trouxe consigo o seu método da acomodação, posto em prática nas regiões do Oriente por onde passou. Antes de se instalar em Nagasaki, em 1580, o jesuíta se mostrou interessado em investir na formação dos *dojukus* criando um seminário na cidade de Arima, localizada na província de Hizen. No período anterior a Alessandro Valignano, os dokujus podiam vir de qualquer posição social, mas depois passaram a ser escolhidos entre os membros das famílias

32 ELISONAS, Jurgis. “Nagasaki: the Early Years of an Early Modern Japanese City”. In: BROCKEY, Liam Matthew (org). *Portuguese Colonial Cities in Early Modern World*. Londres: Ashgate, 2008. p. 72-73.

33 SOUSA, Lúcio Rocha de; GONÇALVES, Rui Coimbra. *A Misericórdia de Nagasaki*. Revista de Cultura. Instituto Cultural do Governo de Macau, 2005. n.14, p.84.

34 COSTA, João Paulo de Oliveira; LACERDA, Teresa. *A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Paulinas Editora, 2007, p.79-81.

35 TOTMAN, Conard. *Early Modern Japan*. California: University of California Press, 1995, p.46-47.

36 ELISONAS, Jurgis. “Christianity and the Daimyo”. In: HALL, John Whitney (dir). *The Cambridge History of Japan: Early Modern Japan*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, v.4.

37 RADULET, 1994

mais ricas e poderosas do Japão.³⁸ Em alguns casos, poderia haver preferência por indivíduos em idade adulta, pois pela lógica dos jesuítas eles possuiriam uma compreensão melhor dos cultos religiosos da terra e da escrita japonesa.³⁹ Antes da reestruturação proposta por Alessandro Valignano a partir de 1580, muitos auxiliares japoneses cristãos recebiam uma má formação e sequer falavam o latim ou os idiomas europeus. Em geral, a comunicação com os padres era feita em japonês.⁴⁰ Os nomes de batismo dado aos autóctones tinham a ver com os santos católicos, podendo ser acrescentado como sobrenome o local de nascimento ou o simples termo: japonês.

Logo depois, o visitador acompanhou a prosperidade de Nagasaki. Erudito e experiente em relação à ação missionária na Ásia, Valignano escreveu o II Cerimonial das Missões do Japão em 1581, onde deixava a diretriz evangelizadora por onde os padres deveriam seguir. No mesmo ano Luís Fróis foi convocado à Nagasaki por ordem do novo vice-provincial, Gaspar Coelho. Do encontro entre Fróis e Valignano surgiu a ideia da produção da “Historia de Japam”, e assim, com aproximadamente quarenta e nove anos de idade, o jesuíta deu início a confecção da obra.

Enquanto Alessandro Valignano continuava sua tarefa de estruturar as missões do Japão, alguns jesuítas alçavam voos em Honshu por conta da amizade com Oda Nobunaga⁴¹. Valignano partiu do arquipélago levando consigo alguns japoneses com o objetivo de realizar a primeira embaixada a Roma em fevereiro de 1582 e não teve tempo de tomar conhecimento da morte de Oda Nobunaga, em junho do mesmo ano. A partir daí, seu general, Toyotomi Hideyoshi, ascendeu ao poder e mudou por completo a conjuntura jesuítica no país. Entre 1583 e 1587, passo a passo, Hideyoshi foi moldando uma nova estratégia de governo. Como pauta de sua agenda política estava a diminuição da influência portuguesa no país e a expulsão dos jesuítas. Na verdade, ao contrário de Nobunaga, o General via na presença estrangeira uma das principais ameaças ao processo de unificação do Japão por contribuir com a desarticulação política, cultural e religiosa da sociedade nipônica, tais quais alguns bonzos já haviam percebido antes.⁴²

Tendo acompanhado de perto a rápida escalada de Hideyoshi, o vice-provincial Gaspar Coelho e o padre Luís Fróis empreenderam uma visita diplomática ao novo xogum em 1586. Sem sucesso, cerca de um ano depois, Hideyoshi publicou o édito anticristão de

38 HIGASHIBABA, Ikuo. *Op. cit.*

39 In: O'NEILL; DOMINGUIEZ. *Op. cit.*

40 BARROS, Cândida; MARUYAMA, Toru. *Op. cit.*

41 “Oda Nobunaga e a Expansão Portuguesa”. In: COSTA, João Paulo de Oliveira. 1999c, p.109.

42 DIFFIE, Bailey W. e WINIUS, George D. *A fundação do Império Português (1415-1580)*. Lisboa: Vega, 1993. v.2.

Hakata expulsando os jesuítas do arquipélago de Honshu e limitando o acesso de mercadores portugueses ao país.⁴³

Por mais que o Édito de Hakata reduzisse a influência dos jesuítas, o cristianismo não recuou. Como prova disso, Nagasaki continuou a ser uma importante cidade portuguesa e Funai passou a abrigar um bispado a partir de 1588. Em 1590, Alessandro Valignano chegou novamente ao país, ampliou os quadros dos *dojukus*, ajudou na manutenção dos seminários e defendeu ideologicamente o monopólio jesuítico sobre as missões do Japão, especialmente em relação à permanência de outras Ordens Religiosas, como os dominicanos e os franciscanos, que a esta altura se preparavam para entrar no país por ordem do papado e do monarca espanhol, Felipe II Habsburgo da Espanha, na época da União Ibérica (1580-1640).⁴⁴

Novamente os portugueses tentaram se aproximar de Hideyoshi promovendo outra embaixada, desta vez liderada por Alessandro Valignano, em 1591. Um ano depois, quando Hideyoshi reuniu os *daimios* vassalos de Kyushu para invadir a Coreia, os dominicanos chegaram ao Japão. Para estimular a rivalidade institucional entre os jesuítas e as Ordens Religiosas cristãs, Hideyoshi autorizou a presença dos franciscanos no país em 1593. Apesar desta atitude, o radicalismo de Hideyoshi foi ainda maior, pois ordenou o assassinato coletivo de vinte e seis cristãos, entre os quais estavam presentes alguns franciscanos e jesuítas. Ocorrido em 1597, o episódio ficou conhecido como o Primeiro Martírio de Nagasaki. A partir daí, ficou declarada a perseguição geral tanto dos membros da Companhia de Jesus quanto das demais Ordens Religiosas. No Japão, o ano de 1597 também foi marcado pelo falecimento do padre Luís Fróis na cidade de Nagasaki, que a esta altura possuía uma idade já avançada e não gozava de boa saúde. Alessandro Valignano chegou a estar novamente no Japão entre 1598 e 1603, mas nada pode fazer para salvaguardar a continuidade das missões na região de Kyushu.

Em 1598, Toyotomi Hideyoshi veio a falecer e o daimyô Tokugawa Ieyasu assumiu o xogunato e unificou o Japão. Nesse novo governo até mesmo os mercadores *nanban-jins* tiveram seu campo de atuação ainda mais reduzido. Para completar a situação trágica tanto para os jesuítas quanto para os portugueses, a rivalidade hispano-flamenga se refletiu no Japão por conta da União Ibérica. As viagens portuguesas entre Macau e Nagasaki chegaram a ser interrompidas pela ação da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais, criada em 1602. Cerca de sete anos depois, os holandeses aumentaram a presença em Kyushu e foram autorizados pelo xogum Tokugawa Hidetada, filho de Ieyasu, a estabelecer uma feitoria na região.

43 COSTA, João Paulo de Oliveira. "Balanço final". 1999d, p.295.

44 CORREIA, Pedro Lage Reis. *A concepção de missão na apologia de Valignano: estudo sobre a presença jesuíta e franciscana no Japão (1587-1597)*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau I.P., 2008.

As restrições à presença estrangeira e ao cristianismo deram aos japoneses convertidos uma nova característica. Após 1614, ano de publicação de outro édito anticristão, o país ficou fechado a qualquer tipo de influência externa. Muitos missionários passaram a viver clandestinamente no país e foram chamados de *kakure kirishitan*, ou cristão escondido. Os católicos utilizaram inúmeros mecanismos para se camuflar entre a população no intuito de não levantarem suspeitas. Sabe-se que essas comunidades secretas resistiram até meados de 1685, quando definitivamente os Tokugawa resolveram investir maciçamente contra a presença estrangeira no país.⁴⁵

Nota-se, portanto, a expectativa depositada pelos jesuítas nos japoneses por conta da observação de alguns valores comuns. As duas sociedades serviram de justificativa para que os inicianos insistissem na evangelização do Japão.⁴⁶ Guiados pelo seu “espírito prático”, como mencionado pela historiadora Célia Cristina Tavares⁴⁷, os jesuítas tentaram, a sua maneira, desenvolver mecanismos de compreensão das múltiplas faces da realidade dos povos ultramarinos. E no Japão não foi diferente. A autora acrescentou que “tal aproximação não significou, ao menos inicialmente, uma ampla compreensão das diferenças do outro, mas sim uma tática de identificação para facilitar o processo de conversão”.⁴⁸ Longe de serem considerados antropólogos por conta do seu etnocentrismo, comum ao europeu da época, os missionários produziram uma série de equívocos ao tentarem decodificar o *ethos* japonês, gerando sérias tensões ao longo do processo de evangelização. Apesar dos equívocos cometidos pelos padres e das reviravoltas causadas pelo cenário político decorrente da guerra civil, os jesuítas também tiveram bons resultados, comprovados pelos exemplos citados ao longo do texto e pelo próprio tempo de permanência das missões no arquipélago.

Glossário

Bakufu: Governo militar, xogunato.

45 TURNBULL, Stephen R. *The Kakure Kirishitan of Japan: A Study of Their Development, Beliefs and Rituals to the Present Day*. London: Routledge, 1998.

46 BOXER, Charles Ralph. *The Christian Century in Japan: 1549-1650*. Los Angeles & Londres: University of Califórnia Press & Cambridge University Press, 1993, p.01-41.

47 TAVARES, Célia Cristina da Silva. “Rotas da fé: inquisição e missionação no oriente português”. In: FRAGOSO, J.; FLORENTINO, M.; SAMPAIO, A. C. J.; CAMPOS, A. P. (Orgs.). *Nas rotas do Império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*. Vitória: EDUFES, 2006, p.301.

48 *Idem*, p. 300.

Bonzo: Nome genérico dado pelos portugueses aos sacerdotes japoneses.

Daimio: Aristocracia guerreira nipônica.

Dojokus: Auxiliares japoneses cristãos.

Kakure Kirishitan: Do idioma japonês, “cristão escondido”.

Nanban-jin ou *Nanban*: Apelido dado aos portugueses que significava “bárbaros do sul”.

Samurai: Elite guerreira japonesa. Eram os comandantes de tropa.

Seitai Shogun (ou simplesmente Xogum): Título militar máximo de Generalíssimo.

Seppuku: Ritual religioso do suicídio através da espada em busca da honra perdida.

Referências Bibliográficas

ALVES, Jorge Manuel dos Santos. *Portugal e a missionação no século XVI: o oriente e o Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1997.

BARROS, Cândida; MARUYAMA, Toru. “O perfil dos intérpretes da Companhia de Jesus no Japão e no Brasil no século XVI”. *Revista Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Uberlândia: Faculdade Federal de Uberlândia, 2007. v.4, a.4, n.4.

BOXER, Charles Ralph. *The Christian Century in Japan: 1549-1650*. Los Angeles & Londres: University of Califórnia Press & Cambridge University Press, 1993.

BOXER, Charles Ralph. *A igreja militante e a Expansão Ibérica 1440-1770*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BROCKEY, Liam Matthew (Org.). *Portuguese Colonial Cities in Early Modern World*. Londres: Ashgate, 2008.

CORREIA, Pedro Lage Reis. *A concepção de missionação na apologia de Valignano: estudo sobre a presença jesuíta e franciscana no Japão (1587-1597)*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau I.P., 2008.

COSTA, João Paulo de Oliveira; LACERDA, Teresa. *A interculturalidade na Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Paulinas Editora, 2007.

COSTA, João Paulo de Oliveira. *Portugal e o Japão: o século nanban*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993.

- COSTA, João Paulo de Oliveira. *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*. Lisboa: Instituto Cultural de Macau & Instituto de História de Além-Mar, 1995.
- COSTA, João Paulo de Oliveira. “Japão”. In: MARQUES, Antônio Henrique de Oliveira (Org.). *História dos Portugueses no Extremo Oriente: de Macau à periferia*. Macau: Fundação Oriente, 1998. v.I t.2.
- COSTA, João Paulo de Oliveira. *O Japão e o Cristianismo no Século XVI: Ensaio de história luso-nipônica*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999a.
- COSTA, João Paulo de Oliveira. “Os Jesuítas no Japão 1549-1598: uma análise estatística”. In: COSTA, João Paulo de Oliveira, *Op. cit.*, 1999b.
- COSTA, João Paulo de Oliveira. “Oda Nobunaga e a Expansão Portuguesa”. COSTA, João Paulo de Oliveira. *Op. cit.*, 1999c.
- COSTA, João Paulo de Oliveira. “Balanço final”. *Op. cit.*, 1999d.
- DIFFIE, Bailey W. e WINIUS, George D. *A fundação do Império Português (1415-1580)*. Lisboa: Vega, 1993. v.2.
- ELISONAS, Jurgis. “Christianity and the Daimyo”. In: HALL, John Whitney (dir). *The Cambridge History of Japan: Early Modern Japan*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. v.4
- ELISONAS, Jurgis. “Nagasaki: the early years of an early modern Japanese city”. In: BROCKEY, Liam Matthew (org). *Portuguese Colonial Cities in Early Modern World*. Londres: Ashgate, 2008. p. 72-73.
- FERRO, João Pedro. “Os contatos linguísticos e a expansão da língua portuguesa”. In: MARQUES, António H. R. de Oliveira (Org.). *História dos portugueses no extremo oriente: em torno de Macau*. Macau: Fundação Oriente, 1998.
- FRÓIS, Luís. *Historia de Japam*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1976-84.v. 2.
- GARCIA, José Manuel (Org.). *Cartas que os padres e irmaos da Companhia de Iesus Escreuerao dos Reynos de Japao & China (1549-1580)*. Ed. Fac-sim. de Évora, 1598. Maia: Castoliva Editora, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GRUZINSKI, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories”. Topoi: Revista de História. Rio de Janeiro: 7 Letras, março de 2001.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso (...) USP, Ano IV, n. 6, p. 57-74, 2013

HIGASHIBABA, Ikuo. *Christianity in Early Modern Japan: Kirishitan Belief and Practice*. Leiden: Brill, 2001.

HALL, John Whitney (Org.). *The Cambridge History of Japan: Early Modern Japan*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. v.4.

JANSEN, Marius B. *The Making of Modern Japan*. Massachusetts: Harvard University Press, 2002.

LABORINHO, Ana Paula. *A questão da língua na estratégia da evangelização: as missões no Japão*. In: CARNEIRO, Roberto & MATOS, A. Teodoro de. (Orgs.). *O século cristão do Japão: actas do colóquio comemorativo dos 450 anos de amizade Portugal-Japão 1543-1993*. Lisboa: Barboza e Xavier Ltda, 1994.

LÓPEZ-GAY, Jesús. “Saint Francis Xavier and The Shimazu Family. Bulletin of Portugueses”. In: *Japanese Studies*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2003. v.6.

MASON, R. H. P. e CAIGER, J. G. *A History of Japan*. Tokyo: Tuttle Publishing, 1972.

MEYER, Milton W. *Japan: a Concise History*. New York: Rowman & Littlefield Publishers Inc., 1992.

MORAN, Joseph Francis. *The Japanese and the Jesuits: Alessandro Valignano in Sixteenth-Century Japan*. New York: Routledge, 1993.

NOSCO, Peter. “Secrecy and the Transmission of Tradition: Issues in the Study of the ‘Underground’ Christians”. In: TURNBULL, Stephen R. (Org.). *Japan’s Hidden Christians, 1549-1999*. New York: Routledge, 2000. v. 1.

RUIZ-DE-MEDINA, Juan. “Verbete: Dojuku”. In: O’NEILL, C. E.; DOMINGUEZ, J. M. (Org.). *Diccionario Histórico de La Compañía de Jesús*. Madrid: Universidad Pontificia de Comillas, 2001. v.2.

SALGADO, Anastácia Mestrinho. “Luís de Almeida, médico e missionário no Japão”. In: *Congresso Internacional de História: missionação portuguesa e encontro de cultura (Igreja, Sociedade e Missionação)*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1993. v.3

SANTOS, Catarina Madeira. *Goa é a chave de toda a Índia: perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570)*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

SOUSA, Lúcio Rocha de e GONÇALVES, Rui Coimbra. “A misericórdia de Nagasaki”. In: *Revista de Cultura*. Instituto Cultural do Governo de Macau, n.14, 2005.

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S

- SOUZA, Ivo Carneiro de. “São Francisco Xavier no Sudeste Asiático”. In: *Revista de Cultura*. Macau: Instituto Cultural do Governo de Macau da R.A.E. de Macau, 2006. n.19.
- TAVARES, Célia Cristina da Silva. “Rotas da fé: inquisição e missionação no Oriente português”. In: FRAGOSO, J.; FLORENTINO, M.; SAMPAIO, A. C. J.; CAMPOS, A. P. (Orgs.). *Nas Rotas do Império: eixos mercantis, tráfego e relações sociais no mundo português*. Vitória: EDUFES, 2006.
- TOTMAN, Conard. *Early Modern Japan*. California: University of California Press, 1995.
- TURNBULL, Stephen R.. *The Kakure Kirishitan of Japan: A Study of Their Development, Beliefs and Rituals to the Present Day*. London: Routledge, 1998.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA. *Congresso Internacional de História: missionação portuguesa e encontro de cultura (Igreja, Sociedade e Missionação)*. Braga: UCP, v.3, 1993.
- YUSA, Michiki. *Religiões do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2002.